

## A CATEDRAL SUBTERRÂNEA

Como construir uma catedral? Onde encontrar o povo a encher? "Falta-nos um povo", dizia Paul Klee. E, aparentemente, falta também tudo o resto para que uma catedral seja hoje possível: a fé, os mitos e os lugares, a cidade para a receber.

No entanto, basta talvez um simples deslocamento do olhar para perturbar tudo. Assentar a transcendência do céu sobre toda a superfície do planeta: ver nas concentrações subterrâneas das massas urbanas, não exílios mas partidas para novas viagens; descobrir a ideia que pode unir, que une já, sem o saberem, todas essas gentes anónimas e dispersas na simples humanidade que as faz manter de pé.

O lugar, foi Françoise Schein buscá-lo sob a terra; o povo, na multidão atomizada do metro; a ideia, nesse direito aos direitos que funda os direitos do homem. A catedral tornou-se possível.

Uma catedral soterrada, como esses direitos que cada "utente" traz no seu corpo sem o saber. É aí, no centro da obscuridade, que eles surgem, como que para despertar em cada um o desejo de infinito. Porque a abóboda da estação Parque abre-se, do seio da terra, sobre o infinito. O espaço é assim sobre-determinado: é o espaço onde todos se encontram, não já sob o mundo baudelaireano do "choc", mas através do inconsciente dos olhares e dos corpos. Inconsciente de reconhecimento bruto, quase selvagem: entre um utente e outro, nada mais estabelece o contacto senão uma forma de instinto último da espécie, o faro que procura a humanidade una: porque, neste espaço subterrâneo, fora de todos os espaços codificados, nenhum signo distingue já um estatuto social de um outro, uma nacionalidade de outra. O "utente" é, antes de mais, qualquer um. Françoise Schein transforma os "utentes", despojados dos seus ouropéis, fatigados, ausentes, em membros potenciais de uma comunidade de vida; em singularidades despertas que correm pelas múltiplas linhas de fuga do pensamento – Tales, Aristóteles, Nietzsche, Pessoa, Deleuze, Lao Tsé.

Espaço colectivo do encontros de inconscientes; espaço interior proliferante; abóboda subterrânea que alcança o cosmos; infinito aberto através das paredes que cada um leva consigo em cada comboio que passa. Interior dos corpos que é exterior do pensamento e da memória.

Tudo converge e diverge ao mesmo tempo: se esta estação é simultaneamente vertical e horizontal, subterrânea et cósmica, interior e exterior, é graças a esse movimento tão particular do metro. Françoise Schein compreendeu-o admiravelmente.

A catedral aí está, subterrânea e sempre em expansão. Tem escadas que levam o passageiro para níveis cada vez mais profundos; mas desde o início, desde os primeiros lances que tudo se põe em movimento: são pensamentos que sobem, frases que nos falam das paredes, e para além delas. Começam aí os movimentos das carruagens-pensamentos e a dilatação do espaço. Chega-se à parte inferior, aos cais, e os movimentos imbricam-se e explodem em todas as direcções.

Os traçados infinitos como as frases dos filósofos e dos poetas declinam no céu; abraçam as rotas marítimas dos descobridores portugueses; confundem-se com a expansão do espaço mental que a leitura audaciosa e improvável dos direitos do homem inscritos nas paredes superiores provoca; abrem o caminho ao comboio que chega e parte por essas linhas.

O cais do metro é o espaço de uma espera. Mas não de qualquer espera: na verdade, nele nada se espera, nenhuma substância, nenhum ser, mensagem ou emoção. Espera-se o fim da espera. Espera-se o movimento puro de uma máquina que modifica o nosso próprio movimento. É um espaço que distribui ou desencadeia movimentos. Nada está aí inscrito, muito menos o nosso lugar de destino. Enquanto se circula não se está em nenhum lugar; para onde quer que o nosso desejo nos leva, é aí que estamos. A máquina surge de um buraco para ser imediatamente engolida por outro buraco negro; entre os dois, há tempo para todos os devires.

A estação Parque desencadeia e faz passar milhares de dinamismos, no interior uns dos outros. Porque é de movimentos que se trata sempre nos três grandes níveis que modelam o espaço: movimento de pensamento, movimento da história, movimento dos comboios. Podemos estar seguros de que abrem caminhos insuspeitados no inconsciente dos corpos – dos corpos daqueles que decifram pedaços dos direitos do homem, recebem as imagens do passado, coexistem com outros corpos, e esperam: como um metabolizador de velocidade, o comboio chega e leva tudo. E cada um leva consigo o comboio e tudo: conteúdo-continente, reversíveis, desdobrando-se ao infinito.

Este movimento não é no entanto nem simples nem linear. Eis que o pensamento, a história, as viagens se multiplicam por sua vez noutros movimentos. Nas descobertas marítimas, tanto se celebra a coragem e a ciência como a primeira revelação dos direitos do homem, "a contrário", através do seu esmagamento antecipado; de tal modo que Tordasilhas traça uma fractura horizontal entre o Norte e o Sul, como se a sua verticalidade original anunciasse a futura divisão do mundo entre nações ricas e nações pobres. A saga dos navegadores trará também o colonialismo e a escravatura: a história força a geografia, os direitos do homem desenham já aí um mapa em negativo antes de serem enunciados. Nova carta do céu que oferece eco às cartas marítimas que se estendem pelas paredes laterais a perder de vista.

O segredo desta estação espantosa está na transformação do espaço que Françoise Schein conseguiu. Ela não decora um lugar determinado à partida, que se trataria de preencher, mas constrói realmente um novo espaço arquitectónico. Não o adapta às suas funções, nem as concebe num quadro simbólico ou mítico, mas na imanência de um estranho movimento que faz surgir possíveis por todo o lado – deveríamos dizer: estranho movimento de amor que anima este metro e desperta as pessoas para a sua simples humanidade nua, levando-as para viagens ilimitadas do pensamento. Tudo aí se articula segundo uma escala móvel, não euclidiana, plástica e dinâmica, como numa catedral que se estendesse até ao infinito sobre a superfície da terra.

Uma catedral da imanência.

José Gil

